

Pto  
D.  
Ru  
P



# Gaiato

AVENÇA

Quinzenário \* 25 de Outubro de 1975 \* Ano XXXII — N.º 825 — Preço 2\$50

**Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes**

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz



«Pipocas» de Benguela, o mais pequenino da Casa.

## ÁFRICA

Somos dos que compreendem a caminhada irreversível das ex-Províncias Ultramarinas para uma autonomia absoluta, constituindo novos Países. Para o efeito não entendemos, porém, renegar os Heróis da nossa História, vendo neles apenas os seus defeitos ou os exageros perpetrados ao longo dos séculos, como se nada de válido tivesse sido realizado pelo Povo português em favor do progresso e da civilização. Muito menos aceitamos que se procure denegrir o real contributo para o bem-comum, do Infante, dos Gamas e dos Cabrais, num determinado tempo e em circunstâncias concretas, ao ponto de se retirarem os seus nomes ou bustos dos estabelecimentos públicos, em Portugal, com se de inopinados complexos de vergonha e de culpa fôssemos acometidos. Não há dúvida que o bom senso e o equilíbrio andam muitas vezes arredios da nossa vida!

Na mesma linha das ideias acima expressas, nos repugna o qualificativo de exploradores atribuído a todos os nossos compatriotas que regressam ou vão para Portugal, idos das ex-Colónias. Trata-se duma infâmia inqualificável. No período de 46 a 56 vimos partir muitos das estações marítimas de Lisboa com destino ao Ultramar, pobres e de mãos caledadas, pensando apenas em trabalhar e assegurar um futuro mais risonho para os seus filhos. Agora, temo-los visto, mais pobres ainda, de lágrimas no rosto, tomar os mais variados meios de transporte, de retorno à terra onde nasceram. Muitos, também, nascidos em África, de todas as etnias, preferem seguir para a Pátria de que querem ser cidadãos, pois, em seu inquestionável direito, preferem continuar a ser portugueses em terras de Portugal. Quem lhes poderá negar esta legítima opção? A descolonização prometida não o foi salvaguardando os bens e as pessoas dos portugueses? E não será a Nação solidária com os seus nacionais, assumindo todos as responsabilidades e consequências de cinco séculos de História, apesar dos seus possíveis erros e virtudes? Os portugueses, vindos para África ou aqui nascidos, devem colocar-se no mesmo plano da-

queles que um dia partiram para a França, Alemanha, Brasil, Estados Unidos ou outros Países, em busca de melhores condições de vida. Mais, têm os mesmos direitos dos que nunca saíram de Portugal. Repudiá-los é uma vergonha e uma injustiça calamitosa, de bradar aos Céus. Lamentaríamos ter nascido portugueses se os Responsáveis da nossa terra não assumissem as responsabilidades inerentes ao sem dúvida difícil problema que é posto ao País. Mas como a gravidade das questões não nos liberta do cumprimento dos deveres, tenhamos a coragem de os enfrentar. De resto, estamos certos que o bom Povo

de Portugal não se deixará enganar por alguns dos seus filhos que dizem querer defender os explorados e, ao fim e ao cabo, são eles mesmos os verdadeiros exploradores ou seus agentes.

A Obra da Rua, fiel ao espírito do seu Fundador, faz questão de continuar ao serviço dos mais oprimidos, dos mais aflitos e das maiores vítimas dos acontecimentos, dos desvarios ou das injustiças dos homens. Por isso estas palavras de solidariedade com os nossos Irmãos vindos de África e que sofrem na sua carne e no seu espírito as consequências da descolonização.

## Filhos sem lei

Compreendemos que nesta tarefa de «desmantelamento» em que se ocupam os que, por officio, deveriam construir, não haja disponibilidade de atenção para os problemas das Crianças sem o bafo de uma Família constituída que lhes responda às necessidades fundamentais. Nós é que não largamos o mote já que a Constituinte no-lo trouxe à ordem do dia. E ainda que preocupados com uma estrutura jurídica que corresponda às situações mais diversas dos sem-lar, como não temos competência nem mandato para a erigir, vamos partindo dos casos — o que não deixa de ser útil ao legislador, que pode encontrar neles um esboço de reenseamento que o orientará na feitura das leis que são para os homens concretos, para uma problemática concreta e não puro exercício diletante de juridismo.

Uma carta de Assistente Social que outras vezes nos tem interpelado:

«Passados foram alguns anos, aqui me tem de novo a expor-lhe outro angustioso problema tal como aconteceu quando do Maurício e Carlos. Ser Trabalhadora Social foi sempre uma difícil profissão para quem sentiu nela o caminho que Deus lhe indicava. Porém, agora mais pedregosa se sente a estrada e a nossa esperança só se fixa no Senhor.

Mas passemos ao assunto em questão: é o caso do Carlos, nascido em 16-4-961, cujos pais se encontram separados. A mãe reside actualmente em França onde vive maritalmente com outro homem, de quem tem dois filhos. Está ainda com ela uma outra filha do marido e portanto irmã legítima do Carlos. Este tem vivido com uma avó bastante idosa e que não tem condições para o educar. O pai recusa-se a tomar conta dele e realmente a situação do pai não é das mais indicadas, pois reside com a madrasta de avançada idade e faz uma vida mais de rua que de casa e, deste modo, o rapaz ficaria na mesma entregue a si próprio. Em colaboração com o Dr. Delegado do Tribunal, tentámos internar o rapaz, mas as instituições oficiais não recebem rapazes de 14 anos, só em estabelecimento de recuperação judi-

## UMA CARTA

«Desculpe eu tomar a liberdade de lhe escrever mas queria agradecer-lhe ter vindo a minha casa através do écran da televisão.

Desde miúda que ouço os meus pais falarem com grande admiração na Obra do P.e Américo...

Sinceramente, devo-lhe um agradecimento muito meu, muito pessoal. Sempre acreditei em Deus, no Cristo vivo e considero-me privilegiada pelo ambiente são e orientação que os pais me deram. No entanto, acabei por ser um pouquinho «apanhada» pela confusão da vida e pelo próprio materialismo. Chego a pensar que ando perdida de mim própria e de tudo aquilo em que creio. Hoje, depois de o ouvir e de olhar aqueles rapazes, não pos-

so deixar de pensar — e com alegria — que nem toda a gente é egoísta e ôca, que nem toda a gente se «está nas tintas» para os problemas dos outros. Vivo centrada no «meu mundo» e no trabalho sem grande tempo para pensar, para me rever e para, inclusivé, rever posições assumidas. Tenho tudo o que me permitiria sentir-me feliz e realizada mas, como à maioria das pessoas, falta-me «qualquer coisa», não sei, sinto-me imensas vezes «vazia», «estúpida». Doi-me demasiado a dor dos outros e os problemas deles! Mas que posso eu fazer? (É uma pergunta que faço a mim própria muitas vezes, sentindo-a!, pensando-a!).

Posso parecer-lhe um pouco infantil por lhe escrever assim, mas hoje apetece-me ser um pouco como as crianças.»

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Setúbal

REFLECTINDO — Ele voltou!

Voltou e com maior força para vencer.

Voltou com um coração menor, um coração que não ouve os gritos dos Pobres e, por vezes, marginalizados. Sim!, ele voltou.

Ele quem?...

O tempo da chuva e do frio, O tempo das derrocadas e dos gritos aterrorizados. Mas não veio só. Trouxe consigo o bom tempo para as colheitas do arroz em nossa Casa. E se fosse só em nossa Casa...

Assim podem-se ver os Rapazes, acompanhados de Pe. Acílio, curvados sobre o maduro arroz que vão ceifando.

Mas nem sempre o tempo é propício para a ceifa.

Como ele, o homem também nem sempre está de boa apresentação.

Com pouco o homem se irrita e, estando irritado, difícil será que ele seja capaz de compreender. Daí as grandes guerras de que, hoje, tristemente se fala.

E porquê?...

Porque todo o homem é fraco e, por isso, se deixa arrastar por fracas intenções, deixa-se arrastar tomando decisões que, por vezes, o levam à ruína.

Mas o homem, tendo Deus como Senhor e Guia, é forte, tão forte que nada o fará recuar. Porque Deus é Amor e infinitamente Bom.

Recordo-me de ter visto o filme «Os Dez Mandamentos», onde pede o melhor apreciar os dons de Deus.

Deus, através de Moisés, salvou os Judeus do cativeiro do Egipto.

Também nós seremos salvos, se seguirmos os caminhos que levam à pura liberdade, se cumprirmos os Mandamentos de Sua Lei.

Mas se prejudicarmos a Comunidade por amor de um, utilizando a mentira e a força, cometendo injustiça, não estaremos a cumprir as Leis do Criador.

Sendo assim, o homem destrói para construir. Mas quantas e quantas vezes o homem constrói para destruir?... Sim, quantas?

Que pena... Que pena nós, homens, não sabermos aproveitar as maravilhas que o Criador deixou ao nosso alcance... Que pena não nos sabermos governar, tendo ao nosso dispor o mundo inteiro...

Por vezes, o homem julga que se conseguirá governar sem a ajuda de Deus. Por isso, cria para seu bel-prazer, instrumentos, edifícios, imagens, etc. Uma infinidade de coisas que julga serem para seu bem, aproveitando a liberdade dada por Deus. Mas o homem é fraco e pecador; por isso, cria a sua própria destruição. E não só a sua, como a de seus semelhantes.

Diz P. Gillet: «A vida sem ideal é uma grafonola carregada de discos, onde se ouve sempre a voz alheia». Quem diz que não?...

E quantos não são os que têm a destruição e o vício por ideal? Ainda bem que há quem siga as Leis de Deus.

Bom seria que não houvesse daquela gente que proclama a paz e faz a guerra; gente que debaixo do capote leva a faca; gente que a coberto do bom nome comete injustiças.

Enquanto os homens não se tratarem como irmãos, não haverá paz. Porque a paz não se faz com palavras, faz-se com actos de amor, de comunidade, de justiça. Mas não da justiça que normalmente se usa: a lei do mais forte.

Sejamos irmãos. Mas não somente irmãos de nome, mas sim e acima de tudo, irmãos por amor.

Sim, sejamos irmãos e não esqueçamos que amor com amor se paga.

PADRE MOURA — Durante a semana em que o sr. Pe. Acílio esteve fora, foi substituído pelo sr. Pe. Moura.

Muito gostámos de com ele conviver.

Aqui vai um forte abraço de toda a rapaziada.

João Maria

## Calvário

CUSTA A CRER! — Não duvido da tendência que todos temos para as respostas fáceis e soluções mais ou menos improvisadas. Para muitos de nós nada há mais doloroso do que sermos levados a pensar. É uma tendência para a fraqueza de espírito demasiadamente crédulo? Creio que em muitos casos, sim. Hoje, muitos comícios se fazem. Certo ou errado nem sempre ajuizamos com clareza. Mas, para melhor compreensão bastará referir a facilidade com que tantas pessoas são levadas a desejar um determinado produto, só porque a telefonia ou a televisão fazem anúncios de que ele é melhor do que qualquer outro. Não será demasiada crença nas baladas hábeis e atraentes, da forma como é feita a publicidade? Há quem se exceda na tendência com a leitura de jornais vendo e aceitando como verdade única o que neles vem escrito. E tantas vezes outras formas nos invadem os espíritos com semi-verdades. Já nem falando em preconceitos e factos cheios de falsidade, numa altura que em Portugal tanto se fala no aspecto de trilhar caminhos que conduzam à verdade. Será bom que tal aconteça, se as bases forem alicerçadas na Verdade.

Servir-se de espíritos fracos para determinados fins sem se ter a preocupação de os ajudar verdadeiramente, custa a crer, mas acontece.

Nós, por vezes, somos levados a acreditar em tanta coisa só porque no-la dizem! Falhas de verdade, porque essa mesma verdade está oculta. Ora, em redor desta Casa, existe muito a convicção de que Deus existe; todos, ou quase todos, dizem professar a Fé que nós temos. Mas, escudar-se na Fé como um simples refúgio é que nos custa. Pois vê-se que há mais superstição do que Fé.

Ainda há pouco tempo apareceu aqui uma pessoa da família de uma Irmã-doente, que tinha falecido havia

pouco tempo, com o intuito de visitar a sua campa. Lógico. Mas não achámos lógico quando nos disse que gostaria de enfeitar a sepultura. Porque, se durante a vida teve poucas «flores» dos familiares, era agora que se prestavam para lhe fazerem um jardim quando a sua vida deve ter sido, muitas vezes, deserto, um rasgar-se em silvados de ingratidão ou coisa parecida! Serão receios de qualquer coisa?... Não levamos a mal... Só podemos afirmar: custa a crer!

Manuel Simões

## A venda de «O GAIATO» no Centro do País

Como é do conhecimento dos leitores, as Casas do Gaiato andam empenhadas em fazer uma *Campanha de Assinaturas*, para que os jornais que iam para o Ultramar não se percam.

Por causa da *Campanha de Assinaturas* e para arranjarmos o que nos faz falta na vida do dia-a-dia, que é o pão, o amor, mais pessoas nossas amigas e que estejam dispostas a colaborar com uma Obra que vale a pena manter sempre viva, nós temos percorrido mais terras do Centro.

Por todas as terras por onde passamos, quer fazendo as nossas Festas, quer vendendo o nosso jornal ou ainda fazendo os peditórios, todas as pessoas que conosco contactam têm um sorriso, carinho e mimos, todos nos recebem bem; se precisamos de dormida ou de comer qualquer coisa, põem o que é deles à nossa disposição.

No Verão a nossa venda aumenta. Percorremos praias, termas e outras terras.

Em Coimbra são dez vendedores. De quinze em quinze dias vão e vendem cerca de 2.000 jornais. Na sua maioria os vendedores de Coimbra são pequenitos, mas o tamanho não interessa; interessa sim o trabalho que eles têm para passar os seus jornais; com a saqueta azul aos ombros lá andam eles dum lado para o outro. De vez em quando, ouve-se: «lá vai um gaiato».

Os vendedores de Leiria são o Calmeiro e o «Loirinho»; vendem cerca de 400 jornais.

As pessoas recebem-nos com carinho e põem-lhes a mesa à disposição.

Eu sou vendedor em Tomar, onde deixo cerca de 420 jornais. Sou vendedor quase há quatro anos e têm-me tratado sempre bem. Quando era mais pequeno davam-me muitos mimos. Tomar é uma terra que só tem Amigos da Casa do Gaiato. Todos os quinze dias, quando regresso a Casa, venho carregado com um saco de carne e muitos embrulhos de roupa e calçado.

As pessoas, onde vou comer e dormir, têm sempre carinho e mimos para me darem e gostam sempre que eu vá ficar a sua casa.

A todos estas pessoas, eu aproveito para dizer mais uma vez muito obrigado!

Em Castelo Branco, o Luís despacha cerca de 300 jornais. Ele por lá anda durante três dias vendendo e apregoando o nosso jornal. Os Amigos da Casa de Santa Zita dão-lhe guarda e ele lá vai.

No Fundão e na Covilhã o vendedor é o «Funchal». Despacha cerca de 400 jornais. As Irmãs do Centro dão-lhe quarto e os Amigos tratam-nos bem. Agora, como os nossos jornais têm o cartãozinho amarelo — o postal RSF — para quem se quiser tornar assinante, houve uma pessoa que perguntou ao «Funchal» se ele ia deixar de vender.

Para a Lousã, nossa vizinha, vamos de manhã cedo. Vendemos o jornal, almoçamos em casa dos Amigos e à tarde regressamos. Passamos lá cerca de 160 jornais.

Miranda do Corvo é a nossa terra; distribuimos cá cerca de 100 jornais.

Na Figueira da Foz, faz-se a venda durante todo o ano, mas como tem uma bela praia, no Verão há muito mais gente e vendem-se muitos mais jornais. Costumam lá ir quatro vendedores e despachamos cerca de 400 jornais.

O nosso João Martelo está casado e vive em Buarcos. Costuma dar o almoço aos nossos Rapazes; não só ele mas também o Crisanto, que vive na Figueira. Para dormirem, os vendedores têm um quarto no Seminário.

Praias e Termas por onde passamos no Verão:

A Vieira de Leiria e Praia vai o Francisquito. Por lá foi ver mais uma vez os seus amigos e vendeu 100 jornais.

A Praia de S. Pedro de Moel vou eu. Sou sempre acolhido com muitos mimos. Passo lá cerca de 200 jornais.

Na Praia de Mira é o «Coradinho», o Guido e o Chiquito-Zé. Ficam lá cerca de 300.

Em Monte Real, o João Manuel passa cerca de 200 jornais. É uma Vila pequena, mas com muita gente e muito nossa amiga.

Na Curia, o Véstias distribui perto de 120 jornais e, no Luso, o «Banana», 150. Eles gostam muito de lá ir.

Outras terras onde vamos com o nosso jornal:

Ceira, o «Coradinho», 90 jornais; Cantanhede, o «Banana», 100; Pombal e Condeixa, «Banana», outros 100.

Em Arganil, vila onde nos recebemos muito bem, quer nas Festas ou na venda do jornal, eu e o Carlitos deixámos lá 130.

O senhor Prior deu-nos comida e dormida e não sabia como é que nos havia de tratar melhor.

Em Anadia, outra terra de pessoas muito nossas amigas, «Banana» e «Coradinho» passaram 180 jornais. Foi a primeira vez que lá fomos com o nosso jornal.

E por todas estas terras que visitámos e continuaremos a visitar, deixámos, pelo nosso jornal, uma mensagem de Doutrina e de Amor.

Vendidos todos estes jornais e adicionando-lhes os acréscimos apurámos à volta de 15 contos, o que não pode deixar de ser uma grande ajuda para a nossa vida.

Há um grande problema para os vendedores do jornal em Castelo Branco, Fundão, Covilhã, Tomar e

Leiria. Nós tínhamos bilhetes para essas terras fornecidos pela empresa dos Claras, cujos donos foram sempre muito nossos Amigos. Agora, mandaram-nos uma carta na qual informavam que não dão bilhetes a ninguém!

Em consequência disto, temos de andar aflitos à boleia e perdemos muito tempo. Até ver não tem sido muito mau; o pior vai ser no Inverno!

Acho que este caso merece ser tratado, pois é uma coisa tão simples! Os homens, às vezes, gostam de complicar as coisas!

Agradecemos a todos que já nos ajudam e pedimos àqueles que nos podem ajudar.

Benjamin

## Tojal

São muitas e variadas as manifestações de afecto e solidariedade para com a Obra da Rua e seu fundador. E chegam-nos de vários pontos e das mais variadas maneiras.

Resolvi transcrever para vós algumas notas cheias de verdade que alguém escreveu no cabeçalho de um exemplar de «O Gaiato» n.º 821 que foi abandonado num banco dos comboios da Sociedade Estoril.

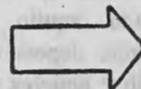
Um Rapaz nosso, que lá vendia, detectou-o e resolveu trazê-lo para Casa.



Os mais novos «Batatinhas» do Tojal: Luís Miguel e seu irmão Jaime. Vieram das barracas de Carnaxide.

Porque calculei o objectivo deste/a leitor/a e admirei a originalidade do que ele/a diz, aqui fica a transcrição para que julgueis vós próprios:

«Em Portugal, o fundador desta Obra foi o maior socialista destes tempos.»



Existem 900 Rapazes a educarem-se nos seus estabelecimentos.

Construiu 3.000 casas para Pobres. Fundou um lar para Doenças incuráveis. Fez isto tudo sem comícios e sem colar cartazes nas paredes.

Porque não fazem o mesmo os diversos partidos políticos em vez de gastarem tanto dinheiro em propaganda que nenhum proveito traz à humanidade?»

Jorge Cruz

## PAÇO DE SOUSA

ANO NOVO, VIDA NOVA! — Isto de eu dizer ano novo, não quer dizer que seja o Ano Novo — mudança de ano — mas sim começo de ano escolar.

Para nós, no início do ano escolar, também começamos com um novo ano de faxinas, de trabalhos, etc.

Muitos dos Rapazes pediram para irem para oficinas por eles escolhidas. Claro, a resposta foi sim, para aqueles que já tinham ou que acabaram de cumprir o seu ano de faxina, como por exemplo: cozinheiros, refeiteiros, etc.

Têm que cumprir estas faxinas anuais para terem acesso às oficinas. É um serviço cívico — mas a sério! — muito velho cá em Casa.

Também nos nossos dormitórios houve mudanças.

Como estamos divididos por casas, por idades, os que estavam a ficar mais velhinhos em relação à sua casa, passaram logo para a casa superior à sua.

Em cada uma há dois chefes, o sub-chefe e o chefe, para orientarem os do dormitório de que foram encarregados. Também mudaram.

Entre aqueles que foram escolhidos para assumir esse cargo, aqueles que mais se dedicam às crianças (aliás todos se dedicam mais ou menos) foram para a casa dos mais pequenos e os restantes foram divididos pelas outras casas.

Também no refeitório se mudou. Cada chefe recebeu da sua casa uns poucos de Rapazes para os orientar durante as refeições.

Cada mesa tem o seu chefe, no refeitório dos mais pequenos. Esses chefes de mesa foram os que pareceram melhores para desempenhar esse papel.

E para vos deixar, já que falei em ano novo (eu sei que ainda é cedo), desejo para todos vós um Natal e um Ano Novo cheio de felicidades.

TIPOGRAFIA — Todos os leitores sabem, ou pelo menos devem saber, que a nossa tipografia desempenha principalmente a função de Escola.

Muitos são os Rapazes que aprenderam aqui os conhecimentos que hoje lhes garantem uma vida estável. A missão da nossa oficina é lançar homens válidos para a vida, onde aliás já muitos se prepararam: o Júlio, o Bernardino, mestre da Composição, e o Oliveira, mestre da Impressão; todos estes se encontram a trabalhar em nossa tipografia. E outros: como o Daniel, o Cândido, o Zé Adolfo, o «Campanera», o Domingos Anjos, etc., etc.

A nossa tipografia é uma Escola. Mas, além disso, contribui muito

# Revolucionários

Na antepenúltima edição afirmámos que não nos repugnaria partilhar já o pequeno auxílio com determinado Auto-Consultor, o que motivaria o cimento da placa a escorrer e mais forças para o primeiro andar da sua moradia.

Certo!

Hoje, todo ele era pó e suor. Medalhas!

A placa movimentou um grupo d'amigos. Trabalho colectivo que mereceria uma câmara discreta que registasse o afã de cada um e o transmitisse, ao vivo, como exemplo de fraterna ajuda — sem manipulações ou alienações de quaisquer espécie.

O Povo de mãos dadas!

O herói da empreitada não deixou, porém, os camaradas

a seco: uns garrações de tinto molharam as goelas, amenizaram a canícula e o esforço dispendido. Delicadeza habitual em acções deste género, por estas bandas.

Não quisemos ser intrusos. Vimos e ouvimos, porém, todo aquele esforço heróico, revolucionário — enquanto uma parte do mundo faz seu o mundo dos cafés ou o arrotar postas de pescada.

Somos abordados pelo homem, no dia seguinte, domingo. Feliz. Ora se não!

— A placa já está. Aquelas notas chegaram na hora própria! O resto, agora, já não custa tanto. Vai dos poucos, mas irá mais depressa.

O esforço do dia anterior

era patente. Das olheiras à própria face.

— Foi um dia pesado! Mas a obra está feita...

Ele é pessoa discreta. Pensa o que diz. Mede as palavras. E não deixa de ser arrojado nas suas afirmações — ao encontro do que já sabemos e vivemos, nestas andanças de levantar ou acabar um tecto que nos sirva d'abrigo.

— Meu amigo: se fôsse estar à espera de juntar o suficiente para fazer a casa, nunca a faria. Quer saber porquê?

— Diga lá...

— O dinheiro é uma tentação! Fazemos de conta, hoje guardo um conto de réis. Amanhã, outro. Pois amanhã a gente via isto e aquilo e podíamos tentar... Nunca faríamos

nada! Assim, não. A casa puxa por nós... É nossa!

— Feita com muito sacrifício, acrescentamos.

Os olhos dele, apesar das olheiras, faiscavam! Com simplicidade e intuição dá uma grande lição. Faz uma radiografia do tempo.

Realmente, perdeu-se a noção do aforro, da poupança reprodutiva. Um dos erros mais graves da moribunda sociedade de consumo! Em muitos casos, quem tem vinte estoura vinte; quando não sucede receber vinte e estourar trinta. É a publicidade. São as companhias. O querer ser aquilo que se não pode ser. Conceito e prática de vida fictícios.

Júlio Mendes

para obter rendimentos de que a Casa precisa.

É uma das razões de aqui se trabalhar bastante. Por vezes custa-nos ouvir o toque da sineta que nos convida ao trabalho; mas deixá-lo; todos nós sabemos que o trabalho é preciso para nos educar e assim lançar homens feitos, na vida.

Quando algum Rapaz já tem «casas» para poder voar, vai, e é logo substituído por outro que queira seguir a linha das Artes Gráficas.

Fazemos cá os mais variados trabalhos no ramo das Artes Gráficas; por exemplo: livros, jornais, facturas, impressos comerciais, etc. Os nossos Clientes dão valor ao trabalho executado em nossa Oficina-escola e trabalho não nos tem faltado, graças a Deus.

Também aos sábados de manhã, e em relação a Artes Gráficas, temos aulas de Estética por um professor que sempre gostou da nossa Obra e por ter nascido aqui perto, conviveu muito com antigos galatos. Eis um facto para ter amor à nossa Obra.

Pois é com trabalho que nos fazemos homens.

Marcelino

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

MARGINADOS — Vem de longe, pela mão da cunhada, que a motivou na defesa de direitos inalienáveis.

— Eu trabalhei numa fábrica durante muitos anos. As mulheres do meu tempo já estão todas reformadas. Só eu é que não! Não sei ler nem escrever...!

Transpira. Suspira. Estafada da viagem, a pé e de camioneta.

Da taleiga saca um grande lenço e enxuga bagadas de suor que pingam da testa e da face.

— Sabe?, a gente assim perde muito! E adei não temos quem dê as voltas...

Abre de novo a taleiga e entrega-nos alguns documentos. Poucos, mas suficientes.

— Veja: só tenho isto. Perdi muita coisa com o andar dos anos!

— É casada?

— Sou. Mas ele anda por lá; pela França...

Baixa a cabeça e chora baixinho infidelidades que não merece.

— De vez em quando manda dinheiro; lá isso manda. Mas o filho é que me vale: dá 600\$00 todos os meses.

— Porque é que V. não se mexeu, há mais tempo, para receber a pensão de reforma a que tem direito?!

A resposta veio pronta, sem hesitação: — A gente não sabe, nada disto! E acentua: — É muito triste não saber ler nem escrever...!

A sua cara reflecte uma dor de que não tem culpa. Uma dor que caustica violentamente.

— Durante quantos anos trabalhou na fábrica?

— Desde solteira. Foi, foi... ante mil novecentos e trinta e... mil novecentos e cinquenta e sete. Faça lá a conta...

Fizemos. Tomámos nota do essencial. E escrevemos à Caixa.

Para nós, infelizmente, este caso não é inédito: «A gente não sabe nada disto! É muito triste não saber ler nem escrever! Não temos quem dê as voltas... A gente perde muito!»

Perfeita radiografia! Todo o de sabafa é uma terrível acusação...

No meio, rural, por esse País fora, e sem grande margem d'erro, são centenas de pessoas assim. Marginadas! Até quando?

JUSTIÇA — Lembra-se do apontamento sobre o Carteiro? Já fizeram justiça ao nosso homem!

O problema revolucionou muitos Trabalhadores dos CTT, de norte a sul do País. Foram cartas, telefonemas, partilha cristã de camaradas de trabalho.

A palavra para o Sindicato:

«Vimos no jornal «O GAIATO», de 30 de Agosto de 1975, uma notícia em que descrevia a situação do camarada, que no final do mês apenas teve de líquido a receber 39\$00. Isso motivou a nossa imediata actualização, para que tal situação não continuasse.

Junto da Administração exigimos a imediata integração do camarada e se necessário o apoio do Intendente de Obras Sociais. Como resultado dessa intervenção, o administrador Mateus da Silva deu as seguintes ordens à CSP:

«De acordo com as decisões tomadas sobre os assalariados proceder desde já à integração deste trabalhador na empresa desde 23 de Novembro de 1974 se é que não foi já feito. Informar sobre a situação em que vai ficar por motivo da doença incluindo a assistência pela AFCT a fim de se verificar se será necessária a intervenção da IOS.»

Perante este despacho, agradecemos que agora entre em contacto connosco para de posse de mais dados podermos continuar a defender correctamente os seus interesses.»

O CPS — que tem dois filhos com o seu mal! — já recebeu 3.000\$00 das Obras Sociais dos CTT e, em resultado da intervenção sindical junto da Administração, 18.609\$00 pela sua «integração na empresa».

Folgamos com a Justiça!

PARTELHA — É admirável a procição dos nossos Leitores! Até por via dos ares conturbados do nosso tempo em que, paradoxalmente, apologistas da não-violência já namoram o fogo!

Procição pequenina, discreta, ela é um hino à Justiça e à Paz, que nunca se confundiu com a paz podre...

O recoveiro dos Pobres, cuja tarimba são os espinhos das dores que ameniza, dos escolhos que encontra pelo caminho sem solução, apesar de tanta cantilena e palavras d'ordem; o recoveiro dos Pobres sabe perfeitamente que eles desejam ser promovidos, ao lugar a que têm direito na sua terra, pela paz e não pela violência.

Este pequeno desabafo já chega para afeirar da inquietação que reina entre o Povo pacífico — a esmagadora maioria — que não quer ser bode espiatório de alienações, venham elas donde vierem, sejam elas de quem forem!

Vamos à procição. À frente, 500\$00 «que gostava fossem para ajudar alguma senhora de idade, mais necessitada». São da rua de Santo António, Lisboa, Assinante 17740, o costume. Uma Aurora, da Figueira da Foz, com um vale de 300\$00, pedindo uma «Avé-Maria pelas melhores e bom resultado da operação» a que meu marido foi submetido. Uma nota de fé!

Mais um testemunho de fé:

«Continuo a lembrar-vos sempre e a pedir ao Senhor que abençoe o vosso trabalho.

Também eu, tal como vós, tenho problemas difíceis a resolver e sinto que só uma ajuda especial de Deus será eficaz.

Há já tempo que venho pedindo a intercessão do Padre Américo. Estou confiada que Ele vai ajudar. É pois nesta linha de entre-ajuda que venho trazer-vos parte do meu ordenado deste mês; (...) são 500\$00 para a Conferência.»

Mais 500\$00 de Torres Novas, carta fumegante de «Um irmão em Cristo». Mais 100\$00, «pequenina migalha para os nossos Irmãos mais necessitados», da assinante 11162, do Porto. Mais 70\$00 de uma visitante, muito amiga, de Verdemilho — Aveiro. Um amigo de D. António Barroso com os 20\$00 do costume, recordando implicitamente a verticalidade do saudoso Prelado portuense.

Outra nota espiritual, Cristo vai na barca! Ouçam:

«Por uma intenção especial junto uma migalha de 100\$00 para a necessidade mais premente da vossa Conferência.

Vou em peregrinação a Roma. Não vos esquecerei lá. E peço também que rezem para que nós possamos regressar em paz. Estando por cá os ares tão turvos, só por irmos em peregrinação é que nos resolvemos a sair. Confiamos que tudo se resolverá em bem e oferecemos também a nossa peregrinação pelos nossos governantes.»

Cristo vai na barca!

Mais 500\$00 de Portomar (Mira). Mais 100\$00 de Filomena, de Lisboa. Mais 20\$00 de Torres Vedras. Escaldam, porque tirados à boca! Mais uma grande bolada, numa carta com data de 1 de Junho!, da rua das Amoreiras — Lisboa. Mais 500\$00 de «Uma figueirense» pedindo uma oração para que «a minha Mãe melhore». Ó legenda bendita! Finalmente, 40\$00 de algures e outra vez Lisboa com uma nota pesada, de uma anónima cuja carta é um vulcão de Paz!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

# CAMPANHA de ASSINATURAS

A nova arrancada da Campanha de Assinaturas provoca muito interesse entre os Leitores-avulso de «O GAIATO».

Folgamos com a presença destes amigos, motivados pela acção dos pequenos embaixadores do nosso jornal, que visitaram algumas localidades onde «O GAIATO» nunca fora espalhado por suas mãos.

Não vamos proceder a mais um inquérito junto deles, como da última edição. Basta olhar a transparente satisfação de cada um! E ver a procissão de novos Assinantes que bate à nossa porta.

O Padre Carlos já disse que esta acção serve para compensar a descida de tiragem em consequência do êxodo africanista. Porém, serve ainda para mostrar aos Leitores a vantagem da assinatura do jornal. Cerca de metade da edição de «O GAIATO» — talvez desconheçam — pertence ainda hoje à venda-avulsa; cômputo que poderia ser bastante reduzido, em benefício mútuo, se a maior parte escolhesse a assinatura.

Mas, ao longo dos anos, e quando a Campanha sai para a rua em grande estilo, não há dúvida, somos logo correspondidos pelos mais interessados — particularmente os que não encontram o pequeno ardina com assiduidade.

Olaro, passámos regala da vista d'olhos pela correspondência recebida, onde mais de 90% são postais RSF! E com afirmações espiritualmente tão quentes e expressivas, que não poderíamos silenciar.

Lomar (Braga):

«Vivi 13 anos em Malanje e tive o grato prazer de passar na vossa Casa momentos de muita Paz.

Hoje, vivo em Braga e com o mesmo carinho continuo procurando o vosso jornal, que esta semana me arrancou lágrimas de dor e muita saudade ao ler o Poema dedicado a Malanje.

Peço me enviem à cobrança o «LODO E AS ESTRELAS» e me considerem também assinante do vosso jornal.»

Lisboa:

«(...) Quero manifestar-vos, uma vez mais, o meu agrado pelo nosso «O GAIATO», que continuo a ler com muito interesse e onde há sempre algo que me faz meditar. No último número, «Malanje» chamou-me a atenção quando o poeta diz: «Vou entrar na Sé e aí falar com gestos ao Senhor».

Lembrei-me das vezes em que em Angola eu ia falar ao Senhor com muita cerimónia e encontrava na igreja algum humilde Negro falando e gesticulando com o Senhor.

Temos todos de falar com o Senhor com humildade, mas com energia, com fé e coragem, agarrá-lo se for possível, para que Ele ilumine todos os homens para se poderem amar. Nunca se falou tanto em Amor e em Paz como nestes últimos anos e nunca os homens se odiaram tanto. Por isso, eu peço a Deus que nos ilumine.»

Entre a correspondência, abundam pedidos de esclarecimento. Diremos que o «preço da assinatura» não é rígido, mas o que cada um entender por bem. É um critério que ainda gera demasiado escrúpulo a muita gente. Mas vamos sossegar todos: face ao actual custo da edição, avença, etc., bitolámos a anuidade em 50\$00.

Temos perguntas formuladas «sobre a melhor maneira de enviar a importância». Aconselhamos o vale do correio ou o cheque, acompanhados de uma carta ou postal, para facilitarmos o seu encaminhamento nesta desorganização organizada.

Passamos a dar uma síntese do movimento quinzenal: Novos Assinantes de Pardilhó, Oleiros (B.B.), Agualva (Cacém), Paços de Brandão, Gondar (Amarante), Luso, Figueira da Foz, Estoril, Praia da Granja, Barreiro, Espinho, Avanca, Abiul (Pombal), Senhora da Hora, Castanheira do Ribatejo, Torres Novas, Godim (Régua), Santarém, Azurara (Vila do Conde), Leça do Balio, Paços da Serra (Gouveia), Salgueiro (Bombarral), Angeja, Santo António dos Cavaleiros, Tondela, Vila Real, Leiria, Ma-

rinha Grande e Lagares.

Até aqui, presenças isoladas ou pequenos grupos. Agora, damos nota de colunas significativas, como Porto e Lisboa, Fânzeres, Amadora, Setúbal, Fafe, Valongo, Oliveira de Azemeis, Rio Tinto, Penafiel, Estarreja, Santo Tirso, Póvoa de Varzim, Aveiro, Vila Nova de Gaia, Gondomar, S. João da Madeira, Ovar, Braga, Ermesinde, Guimarães e Coimbra.

Além fronteiras, temos Rouergue (França) e Lourenço Marques (Moçambique).

Júlio Mendes

## «O LODO E AS ESTRELAS»

Segue de vento em popa, de braço dado com todas as obras da nossa Editorial!

Não poderíamos deixar de sublinhar uma nota expressiva e muito significativa: são cada vez mais os leitores que partilham a Mensagem do «LODO E AS ESTRELAS» por amigos e familiares. Estabelecem uma cadeia de excepcional interesse, que muito nos apraz registar.

Até pelo telefone! Há gente tão seduzida e tão ansiosa pela obra do Padre Telmo que, em vez de a requisitar por carta ou postal, recorre ao telefone!!

O «Campanera» vai, todos os dias, cheio de livros para o cor-

reio. Quando não tem de pedir ajuda.

Como ninguém melhor do que o leitor revela a inquietação que «O LODO E AS ESTRELAS» provoca no seu espírito, continuamos a publicar alguma da muita correspondência que chega diariamente à nossa mesa de trabalho.

Porto:

«(...) Sou estudante. Acabei o 7.º ano. Por ter muito que estudar não escrevi, mas recebi, julgo que em Agosto, «O LODO E AS ESTRELAS».

(...) Todavia, arranjei tempo para ler (melhor, devorar) o livro e fiquei impressionada e encantada com o estilo poético do Padre Telmo. Fez-me lembrar o tom dos salmos do Antigo Testamento (por muito pouco que conheça deles) e, como muito bem já disse um outro vosso leitor, o próprio São Francisco de Assis, nos hinos que entoava à Irmã Natureza, à Irmã Lua... Na realidade o Padre Telmo escreveu o livro num tom muito pessoal, por isso muito sincero e de grande espontaneidade. Todavia, nem por isso deixa de focar aspectos muito duros da nossa realidade, de denunciar aspectos e situações de gritante injustiça, de pôr em causa leis farisaicas e hipócritas, como daquela vez que resolveu dar uma casa àquele casal com um filho pequeno que vivia numa barraca e que trabalhava numa fábrica (isto é, a Companhia), a qual não lhes dava moradia por não estar legitimamente constituído!... E tantos outros casos que me chamaram a atenção, melhor seria dizer todos.

(...) Vou, depois, emprestar o livro a algumas das minhas amigas com o objectivo de aproveitarem o seu conteúdo e evidentemente conquistar mais assinantes. Gostava igualmente de procurar e arranjar assinaturas para «O GAIATO», pois li há pouco, na última edição, que os vossos Rapazes estão a lançar uma Campanha de Assinaturas para cobrir os muitos que enviavam para as ex-Colónias. É que na realidade a vossa Obra e acção representam, para a nossa sociedade ainda tão adormecida, uma mensagem tão grande, um espírito tão aberto a todos os problemas que afectam social, cultural e economicamente as camadas mais desfavorecidas da nossa população! É preciso fazer tudo para divulgar a vossa Obra ou, talvez mais importante do que isso, o espírito que a anima, que é afinal o mais vivo e concreto testemunho da mensagem evangélica! A Igreja em Portugal tem graves problemas agora, exactamente porque muitos que dela fazem parte não sabem ler o Evangelho com o Amor no coração. Por isso, acho que é preciso aprender com todos aqueles que estão (como sempre estiveram), verdadeiramente e fora de toda a dúvida, pelo Povo, porque seguindo a linha do Evangelho que até agora foi a mensagem mais revolucionária que o mundo conheceu. Foi-o há 2.000 anos e é-o no século XX, porque os homens ainda não mudaram «o homem velho no homem novo». De quem a culpa? «De nós todos...» — como diz o Padre Telmo.»

Júlio Mendes

## FILHOS SEM LEI

Cont. da PRIMEIRA página

cial mas, graças a Deus, o rapaz não é um caso para isso.

Temos muita ternura por ele pois é muito triste ter pais e não ser por eles desejado!...

Eis um quadro, quantas vezes repetido pelo País em fora: «ter pais e não ser por eles desejado».

O pai é, de facto, um incapaz. Sê-lo-á porque quer, porque lhe é mais fácil e aprazível a vida na irresponsabilidade?... Se sim, quem lhe pede contas de uma opção tão anti-social? Se não é culpado, então é ele próprio objecto de uma Assistência adequada. Quem lha presta?

A mãe abandonou o lar, foi para França e por lá reconstituiu outro lar. Terá razões que atenuem a gravidade do seu proceder?...

Levou uma filha; nasceram-lhe lá mais dois filhos — aos quais, sem dúvida, se deve. De qualquer modo, quem lhe passou ou pode passar carta de desquite do filho que cá deixou?

As instituições oficiais não o recebem. Tem 14 anos e não praticou ainda nenhum crime. Este seria o preço do direito de ingresso num estabelecimento de recuperação judicial, «mas, graças a Deus, o rapaz não é caso para isso».

«Tem pais e não é por eles desejado.» Então quem tem ele, ou de quem é ele? Quem tem por ele?

Assim, na verdade, se fabricam seres a-sociais, quando não anti-sociais.

«É mais barato evitar crimes do que sustentar criminosos», escreveu Pai Américo há muitos anos. Quem é que o ouviu lá pelas arcadas do Terreiro do Paço?

Pois se não há instituições oficiais que o recebam, devia haver. Devia haver, sem que concomitantemente se deixasse de chamar os pais à barra da Justiça, da qual sairiam sancionados conforme às suas culpas, ou medicados consoante as suas próprias necessidades.

Agora, a mãe andar por lá e o pai por cá, desimportunados, livres de responsabilida-

des que por natureza são indeclináveis sem razão fortíssima — isso é que só, na verdade, num país «das mais amplas liberdades», como o nosso.

Entretanto a mãe continua por lá, o pai por cá; e, como as instituições oficiais o não recebem e nós não temos mais onde receber, o Carlos andar por aí...

Deus o defenda, já agora, de vir a ser recebido num estabelecimento de recuperação judicial. E qualquer forma de Caridade não-institucional lhe dê aquele mínimo de amparo que a Justiça não lhe deu e lhe permita a ele próprio guardar-se e orientar-se na vida tão madrastra, sem desequilíbrios de comportamento nem endurecimento do carácter.

Há por aí tantas casas «ocupadas» para jardim de infância, onde habitam ratos e florescem teias de aranha... Não haverá nenhuma Comissão de qualquer coisa que lá promova um lar para o Carlos e para tantos Carlos em semelhante situação?...

Padre Carlos



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa